



posições inimigas em Levis-



Rubem Braga

De Rubem Braga Para o DIARIO CARIOCA

'SAIA DA FRENTE SE NÃO MAMÃE NÃO ME VÊ NO CINEMA'

Se a Senhora é Parenta de Algum Expedicionario, Pode Ir ao Cinema Que "Ele" Está Lá — Mas Se Exibissem Todos os Filmes Feitos a Bordo, Dari a Uma Fita Maior do Que "O Vento Levou" — A Corrida Pelos Fotografos e Cinematografistas — Atrás de Mim Alguem Me Puxava Pelo Salva-vidas — A Festa do Equador, os Diplomas do Rei Netuno, as Notas de 1 Dolar Autografadas — Os Alto-Falantes, o Jogo de Cartas a "Leite de Pato", as Lições de Linguas e Outras Coisas Assim

COM O SEGUNDO ESCALÃO DA FEB, EM VIAGEM PARA A ITALIA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA. — Por Via Aérea — Para os homens que dão serviço a bordo o tempo custa a passar. Alguns pro-

curam aproveitá-lo lendo os regulamentos de suas unidades ou aprendendo linguas. Uma variedade incrível de compendios de inglês e italiano appareceu no galão: inglês sem mestre, o italiano em 40 lições, o inglês tal qual se fala, como aprender italiano em uma semana, etc. — e as aulas se improvisam por toda a parte. Os homens da tripulação, de boa ou má vontade, servem de professores e atendem nas horas de folga os que querem praticar; alguns aprendem suas frases em português.

Mas o tempo é longo, e os homens se entregam ao xadrez, às damas, ao baralho, em renhidas disputas que são rigorosamente a "leite de pato", de acordo com o regulamento.

O alto-falante de bordo está constantemente em ação, convocando gente para reuniões e

conferencias. Na passagem do Equador houve a festa do costume. O general Cordeiro de Farias e alguns coroneis foram "barbeados" e batizados, e a tropa se divertiu. Depois houve uma epidemia de pedir autografos para os diplomas fornecidos pelo Rei Netuno, e outra epidemia de assinar — e pagar — notas de 1 dolar dos "short-snorters". Isso é um clube complicado em virtude do qual um inocente tem de gastar 60 mil réis com a vaga esperança de rehave-los á custa de futuros inocentes — o que não é negocio. E ha os fotografos e cinegrafistas.

Se a senhora é parente de algum praça ou oficial da FEB,

(Coclue na 2ª pag.)

Depois de Amanhã:

O EPISODIO DO SUBMARI-NO E AS LUZES DE TANGER

11/11/44
2

(Fotografias - Set. 44 - FEB)
pg. 22 30

ceram refeitos na sala de refeições.

A PASSAGEM DE GIBRALTAR

Uma tarde vimos terra. O navio dirigiu a prôa para leste e começamos a atravessar o estreito. Do Mediterraneo vinha um vento forte e frio, que nos pegava pela prôa. Era obvio e entretanto inevitavel pensar: ali á direita, é a Africa, ali á esquerda é a Europa, ali atrás é o Atlantico, ali na frente é o Mediterraneo. A bombordo surgiu Algeciras, iluminada, co-

mo se anunciasse um continente pacifico. Abrigados contra o vento estúpido, ficamos até a noite vendo as terras da Espanha. Depois de Algeciras (onde Franco desembarcou com seus mouros para liquidar a Republica) o rochedo de Gibraltar. Já na escuridão da noite ele nos apareceu imponente, com luzes claras e vermelhas espalhadas. Ali, naquele naco de Espanha, os ingleses vigiam a entrada do "mare nostrum" de Mussolini. E o rochedo negro na noite em que a luz, sufoca-

da por nuvens, espalhava uma vaga claridade, lançou de repente sobre ás aguas o jato clarissimo de um projetor. Era a antena luminosa de um monstro, pronto a rugir com seus canhões se recolhesse algum sinal de inimigo. Para nós, aquele jato de luz na noite era uma clara mensagem amiga de segurança, de vigilancia. Passamos. Do outro lado do rochedo, La Linea. No céu, luzes vermelhas de aviões andando para um lado e outro.

O boreste outros homens con-

templavam Ceuta. Mas o grande entusiasmo foi Tanger. Muito antes de Ceuta, Tanger surgiu com suas claras luzes, e todos se debruçaram para vê-la melhor, pensar em suas ruas, em sua humanidade viva — humanidade com mulheres, com familia, com vida humana que aquelas luzes indicavam. E todos agora que já vamos Mediterraneo a dentro, falam de Tanger com um estranho carinho, com uma especie de ardor. Tanger! Suas luzes, luzes tão claras e humanas da terra, comoveram nossos homens depois de tantos dias de mar. Tanger estava linda, á beira das aguas. Ora bolas: ou não vi Tanger! E entre esses homens que falam de Tanger como se falassem de uma linda mulher sinto uma especie de despeito.

De manhã vemos um Mediterraneo manso. Já não é tão limpo como o Atlantico: ha, de vez em quando, alguma coisa boiando. Noto uma tartaru-

ga pequena que se agita sob um caixote, no mar. Não ha ondas: o comboio desliza suavemente. Sabemos que neste mar ainda ha portos de onde podem partir navios, aviões, submarinos nazistas. Sabemos, mas não conseguimos sentir. Nossa escolta americana está navegando em uma lagôa: uma lagôa inglesa.

Agora todos já sabem com certeza para onde vamos — Napoles — e o dia da chegada. E então todos começam a fazer planos: e depois cada um se afasta para um canto para escrever a sua carta. Um pracinha, ouvindo dizer que sou correspondente, me chama a um canto, me fala de sua familia que deve estar muito aflita por noticias e acaba me pedindo para dar um jeito da carta dele ir logo, depressa, de avião, para o Brasil. Explico-lhe que não, que não tenho nada com isso, sou correspondente de jornal. "Ah, de jornal". E ele se afasta desconsolado.

Ribeirão Preto, 16/11/44

"Diário Carinosa", 4/11/44

(Gibraltar - Let. 44 - FEB)

pg. 24

68